

O PROTAGONISMO DOS KARAJÁS NO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO SUSTENTÁVEL A PARTIR DAS BONECAS RITXOKO E A SOBREVIVÊNCIA CONSUETUDINÁRIA EM ARUANÃ - GOIÁS.

Thiago Lucas da Silva Bevenutti¹

RESUMO: A relação desenvolvimentista dos Karajás concernente ao modo de viver e produzir foram fontes singulares de entendimento acerca de conhecimentos apurados sobre a rica relação entre seu povo e o rio, a fauna e a flora, as relações sociais e familiares e a organização social, bem como a sociodiversidade que se baseia nos costumes, na prática e nos hábitos. Por conseguinte, propuseram modelos de engrandecimento no setor econômico que conciliam a conservação, as atividades sustentáveis e a cultura no vale do rio Araguaia. Dessa forma, essa pesquisa tem como objetivo a economia sustentável a partir das bonecas Ritxoko e a sobrevivência consuetudinária que promove a veemência baseado na diversidade social, cultural, econômica e biológica, como também a melhora na qualidade de vida das populações que os cercam, gerando renda em diversos nichos da sociedade.

Palavras-chave: Karajás; Econômico; Atividades Sustentáveis; Bonecas Ritxoko.

Introdução

O Brasil é um país de rica diversidade étnica e cultural, abrigando numerosos grupos indígenas, cada um com suas tradições, línguas e formas de vida únicas. Entre esses grupos, os Karajá se destacam não apenas por sua história milenar, mas também pelo seu papel fundamental no desenvolvimento econômico sustentável e na preservação de suas tradições culturais em Aruanã, no estado de Goiás. Este artigo propõe explorar o protagonismo dos Karajá no desenvolvimento econômico sustentável, enfocando em particular o papel das bonecas ritxoko e a sobrevivência consuetudinária dessa comunidade em Aruanã - Goiás.

Os Karajá são um povo indígena que habita a região do Rio Araguaia e suas imediações há séculos. Suas tradições culturais e práticas ancestrais são de grande importância não apenas para eles, mas também para a preservação da diversidade cultural do Brasil como um todo. Entre essas práticas culturais, as bonecas ritxoko se destacam como um elemento significativo, tanto do ponto de vista cultural quanto econômico.

As bonecas ritxoko, conhecidas por sua singularidade e beleza, são uma manifestação artística e cultural dos Karajá. Feitas à mão, essas bonecas representam figuras femininas com

1

¹ Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Goiás -UEG.
Email: thiagobevenas@aluno.ueg.br

traços estilizados, geralmente elaborados a partir de materiais naturais, como madeira, barro e sementes. Além de seu valor estético, essas bonecas desempenham um papel vital na economia sustentável da comunidade Karajá.

O desenvolvimento econômico sustentável é uma preocupação global, e as práticas tradicionais dos Karajá, como a confecção das bonecas ritxoko, estão alinhadas com princípios fundamentais deste conceito. A produção e venda dessas bonecas não apenas fornecem uma fonte de renda para as famílias Karajá, mas também promovem a sustentabilidade, pois os materiais usados são extraídos de forma consciente e respeitosa com o meio ambiente.

Além disso, as bonecas ritxoko desempenham um papel na preservação das tradições culturais da comunidade Karajá. Elas carregam consigo elementos simbólicos e narrativos que contam histórias, transmitindo conhecimento e mantendo vivas as crenças e mitos ancestrais. O desenvolvimento econômico sustentável dos Karajá, baseado na produção e venda dessas bonecas, fortalece sua identidade cultural e promove a transmissão de saberes tradicionais às gerações futuras.

Neste contexto, é essencial compreender como o protagonismo dos Karajá no desenvolvimento econômico sustentável a partir das bonecas ritxoko contribui para a sobrevivência consuetudinária da comunidade em Aruanã, Goiás. Este artigo explorará o processo de produção das bonecas e o seu impacto econômico, bem como a importância cultural e social que elas representam para os Karajá. Além disso, examinará como essa prática tradicional desempenha um papel crucial na manutenção da identidade Karajá e na preservação das tradições milenares em um mundo em constante transformação.

ARTE, MEMÓRIA E IDENTIDADE INDÍGENA.

As bonecas Karajás foram catalogadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional -IPHAN, como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, nas categorias ofício e como formas de expressão. O objetivo dessa pesquisa ressalta a importância dessa arte ameríndia, bem como questões voltadas a políticas e o reconhecimento de bens culturais no Estado de Goiás. Desse modo, a arte indígena é uma identidade etnocultural ligada intrinsecamente com a formação dos povos karajás, e além disso, fomenta a revitalização dos valores tradicionais e regulamenta suas vitalidades como povos originários.

Logo, é através dessas bonecas que os karajás (re) afirmam suas identidades em Aruanã, e representam proteção para eventuais destruições de suas identidades. Portanto, é de suma

importância a preservação dessa cultura, arte e memória, não somente para a pluriculturalidade brasileira, como também de resistência.

Nesse viés, Souza, Cândido e Curado (2017) demonstram que ao apresentarem os conceitos de arte como produção cultural, na qual, além de despertar emoção, sentimentos e releitura da vida, advém das habilidades e competências do fazer, do produzir e da necessidade que o homem sente de criar.

Nesse sentido, “o diálogo entre arte e cultura imaterial indígena acontece a partir da produção simbólica que demarca a etnia, a identidade e o lugar de pertencimento de um povo a um determinado território”(RONDON, 2015, p 23).

Figura 1 – Bonecas Ritxoko



Fonte: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN

Certamente a ressignificação da arte é um traço que “evidencia estratégias desse povo para afirmarem sua etnicidade² negociando com a sociedade envolvente elementos culturais e objetos de suas tradições” (SILVA e LIMA, 2017, p. 156).

As bonecas karajás não são somente uma economia sustentável, elas são a arte, a memória e a identidade desses povos ameríndios que remontam a sua formação cultural. Portanto, nas práticas culturais das populações karajás, é possível visualizar os reflexos do mundo natural sobre o cotidiano destes povos. Seus saberes, historicamente formados a partir de uma “sociabilidade ligada ao mundo natural, ou seja, ao Cerrado, contribui para a construção de visões e valores de mundo, que, por sua vez, reflete-se nas produções culturais” (MARQUES, 2022, p 70).

BONECAS RITXOKO E A FORMAÇÃO CULTURAL

Pensando nessa visão intercultural e etnocultural as Ritxoko significam cultura, resistência, ensinamento, dentre outros. Dessa forma, as Ritxòkò, contém um contexto histórico particular no qual “somente as mulheres podem produzir essas bonecas, o que envolve também a questão do gênero” (SILVA, 2021, p. 30). É um contexto histórico-cultural específico, ao qual as mães vão ensinando às filhas o modo de fazer as bonecas. Dessa maneira, as bonecas são uma complexa rede de “saberes relativos à organização e cosmovisão do povo a que pertencem e cuja representação nestes artefatos, destinados originalmente a serem brinquedos de crianças, constituem, entre outros significados, o de dispositivo pedagógico, de transmissão de sua cultura” (SILVA, 2015.p, 14).

Por conseguinte, as bonecas Ritxoko podem ser compreendidas como um “elemento intrínseco à subjetividade humana, fruto da relação entre o material e o imaterial, pois os artefatos e objetos, bem como outras práticas materiais da cultura, expressam elementos oriundos de tradições e ancestralidades culturais” (MARQUES, 2022, p 66).

Noutro momento, esses traços culturais são visualizados de forma pejorativa, na qual “a concepção moderna ocidental impõe um primitivismo às religiões e sociedades que mantêm esse tipo de prática em sua ordem cultural” (MARQUES, 2022, p. 78). Isto é, com o processo de colonização do interior do Brasil, estes povos foram intensamente transformados, sofrendo com invasões predatórias que trouxeram prejuízos à sua cultura e dificuldades ao seu modo de

2

² A etnicidade constitui-se como fenômeno essencialmente social, pois é um processo contínuo de transmissão cultural entre diferentes gerações a partir do contato e da participação no meio social em que a etnia se configura. (LUVIZOTTO, 2009)

vida tradicional, ligado aos aspectos naturais. Apesar disso, “a resistência e luta marcam as ações indígenas perante tal conjuntura, enfrentando as usurpações territoriais e deslocamentos forçados, assim como as políticas de integração e tentativas de apagamento de suas existências” (MARQUES, 2022. p. 80).

Neste seguimento, as bonecas são patrimônios culturais transmitidos de geração em geração e frequentemente reconstruídos pela comunidade Karajá. A partir de sua relação com a natureza e sua história fornecendo uma concepção de pertencimento, um sentimento de identidade, de continuidade, o que contribui para sua vivência que compreenda a diversidade cultural e natural como algo inerente ao universo.

SOBREVIVÊNCIA CONSUETUDINÁRIA E A AUSÊNCIA DE POLÍTICAS PÚBLICAS.

Os povos indígenas Karajás têm sido afetados em diversos aspectos pelos impactos do agronegócio, das demarcações de terras e pela falta da regulamentação de políticas públicas. Nesse sentido, “a partir do final do século XX, notadamente, no caso do Brasil, a partir da Constituição de 1988, essas constantes violações ferem não somente a população, como também as suas culturas, identidades e as memórias” (SILVA, 2022, p. 6). Apesar da incorporação da pauta indígena no ordenamento jurídico brasileiro com a Constituição de 1988, isso não significou que os representantes destes povos passaram a figurar nas esferas legislativa, executiva e judiciária do país. Logo, a falta de representação indígena só agrava o seu histórico processo de exclusão e segregação social.

Outrora, é de suma importância destacar que, assim como os demais povos indígenas do Brasil, os Karajás também fizeram parte do processo de usurpação de suas terras e consequente redução territorial, devido à colonização europeia que, “além de impor seus símbolos e práticas culturais a um lugar onde já havia vida, sociedade e cultura, exerceu grande influência no modo de vida destas comunidades, sobretudo no modelo do agronegócio e das demarcações de terras” (SILVA, 2022, p. 21).

A negação do pertencimento, as diversas formas de discriminação, o silenciamento e o escamoteamento da violência histórica contra os povos indígenas estão expressos na composição das memórias ou no esquecimento a que tais povos foram condenados. Tal constatação sinaliza para o fato de que a memória (e o esquecimento) é um campo minado pelas contradições socialmente produzidas. (KAYAPÓ e BRITO, 2014, p. 40)

Deste modo, como aponta Edson Silva (2012) “afirmar a sociodiversidade indígena no Brasilé, portanto, reconhecer os direitos às diferenças socioculturais. É buscar compreender as possibilidades de coexistência sociocultural, fundamentada nos princípios da interculturalidade”. Por fim, os povos indígenas sempre tiveram seus lugares silenciados e/ou sem memórias. Desse ponto de vista a violência histórica, estatal e simbólica foram marcadas pela a data do colonizador. A marginalização e subalternização desses povos foram e ainda são tendenciosas e hegemônicas. Destarte, como aborda Kayapó e Brito (2014, p. 41) “a propagação de preconceito sobre os povos indígenas ainda persiste e que eles são vistos como povos inimigos do progresso e da soberania nacional”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO JÚNIOR, Mozart Martins de. **Iny - KARAJÁ história e identidade cultural: índios karajá de Buridina** / Mozart Martins de Araújo Júnior – Goiânia, 2012. 93 f. : il. ; 30 cm. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em História. Tesouros Iny - Karajá [E-book] / organizador, Manuel Lima Filho. – Goiânia : Cegraf UFG, 2021. 490 p. : il. - (Coleção Epistemologias)

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. **Tesouros Iny - Karajá**. In: Manuel Lima Filho (Org.) – Goiânia : Cegraf UFG, 2021. 490 p. : il. - (Coleção Epistemologias). 2021.

SILVA, Edson. **O ensino de História Indígena: possibilidades, exigências e desafios com base na Lei 11.645/2008**. Revista História Hoje, v. 1, no capítulo 2, p. 213-223 - 2012.

FÉNELON COSTA, Maria Heloísa. **A arte e o artista na sociedade Karajá**. Brasília: FUNAI, 1978.

KAYAPÓ, Edson; BRITO, Tamires. **A pluralidade étnico-cultural indígena no Brasil: O que a escola tem a ver com isso?** Caicó, v. 15, n. 35, p. 38-68, jul./dez. 2014. Dossiê Histórias Indígenas. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/7445/5817> Acesso em 19 de junho de 2023

MARQUES, Iorrayne Vieira. **Cerrado e grafismo do povo Iny - karaja: ambiente, natureza e cultura**. Anápolis - 2022. Dissertação de mestrado TECCER/UEG.

RONDON, Ana Lúcia Dutra da Fonseca. **As ritxoko como objeto artístico e cultural**. In: SILVA, Telma Camargo da (Org.). Ritxoko. Goiânia: Câne Editorial, 2015.

SILVA, Juliana Adono da. **DIREITOS TERRITORIAIS INDÍGENAS, AGRONEGÓCIO E O POVO INY KARAJÁ DE ARUANÃ I: RESISTÊNCIA NO MODO DE CRIAR, FAZER E VIVER**. Revista eletrônica interdisciplinar – REI. v. 14 n. 1 (2022),

SILVA, L. G.; LIMA, S. C. de. **O povo Indígena Karajá de Aruanã/GO: ressignificações socioculturais**. Ateliê Geográfico, Goiânia, v. 11, n. 3, p. 155–169, 2018. DOI:

10.5216/ag.v11i3.46907. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/46907>. Acesso em: 14 jun. 2023.

SILVA, Luana Alves de Jesus. **Trajetória das bonecas ritxòkò Karajá: cultura material no Museu de História Natural do Instituto do Trópico Subúmido – ITS/PUC Goiás**. Monografia (Graduação em Arqueologia), Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2021. 62 pp.

SILVA, Telma Camargo da. **As oleiras Karajá e o modo de fazer ritxoko: o conhecimento circula, expressa identidade e marca território**. In: SILVA, Telma Camargo da (Org.). *Ritxoko*. Goiânia: Cànone Editorial, 2015.

SOUZA, Gisele Luiza de CÂNDIDO, Gláucia Vieira CURADO, Maria Eugênia. **A ARTE INDÍGENA KARAJÁ COMO LINGUAGEM DE RESISTÊNCIA CULTURAL E AFIRMAÇÃO IDENTITÁRIA**. *Revelli – Revista de educação, linguagem e literatura* v.9 n.3-Setembro, 2017. p. 118-137 – Inhumas/Goiás Brasil.